

Exercícios cartográficos com o currículo cultural da Educação Física no Brasil: uma pesquisa intervenção

Adriana de Faria Gehres¹ e Marcos Garcia Neira²

¹ Escola Superior de Educação Física Universidade de Pernambuco, Brasil. agehres@yahoo.com

² Faculdade de Educação Universidade de São Paulo, Brasil. mgneira@usp.br

Resumo. Este artigo teve como objetivo discutir a cartografia a partir dos pressupostos da esquizoanálise (Deleuze & Guattari, 1996), como pesquisa intervenção com o currículo cultural de Educação Física. Para tanto, realizamos três exercícios cartográficos como encontros/processos de acionamento de: um texto; quinze relatos de experiência; e, ações didáticas. Neste último, contudo, operamos também com a “palavra” experiência, conforme proposto por Larrosa, (2018, 2013, 2009). Cartografar, procedimento e objetivo das pesquisas, apresentou-se como uma “atitude” que nos fez percorrer a materialidade, a imanência e as línguas dos encontros no processo de produção conceitual.

Palavras-chave: Esquizoanálise; intervenção; experiência; escola

Cartographic exercises with the cultural curriculum of Physical Education in Brazil: a research intervention

Abstract. This article aimed to discuss cartography from the assumptions of schizoanalysis (Deleuze & Guattari, 1996), as a research intervention with the cultural curriculum of Physical Education. For this, we perform three cartographic exercises as encounters / processes of triggering: a text; fifteen reports of experience; and, didactic actions. In the latter, however, we also operate with the “word” experience, as proposed by Larrosa, (2018, 2013, 2009). Cartography, procedure and research objective, presented itself as an “attitude” that made us go through the materiality, the immanence and the languages of the encounters in the process of conceptual production.

Keywords: Schizoanalysis; intervention; experience; school

1 Introdução

Como pesquisar na escola, em salas de aula? Como criar formas de intervenção na educação básica? Com estas perguntas que orientam nossos percursos como docentes universitários, temos investigado, ao longo dos últimos trinta anos, possibilidades para criar estas e outras questões. Das pesquisas etnográficas e fenomenológicas, passando pela pesquisa cultural e pela pesquisa-ação, com diferentes pressupostos e orientações, temos procurado direcionar nossas ações para aquilo que nos interessa mais diretamente, qual seja: a ação, intervenção partilhada em educação.

Orientados por referências dos estudos culturais, multiculturalismo crítico, do pós-modernismo e, mais recentemente, do pós-estruturalismo (Neira, 2018), temos nos dedicado à pesquisa e à ação em educação, principalmente, na área de Educação Física, no Brasil, a partir dos estudos do currículo cultural em Educação Física. O currículo cultural em Educação Física se constitui nas reuniões quinzenais do GPEF, nas publicações, nos seminários e cursos propostos, organizados e desenvolvidos por docentes da educação básica e do ensino superior, nos relatos de experiência e trabalhos acadêmicos expostos e apresentados em eventos pedagógicos e científicos da área de Educação Física (disponíveis para consulta em www.gpef.fe.usp.br) e no cotidiano das aulas em escolas da cidade e do Estado de São Paulo e do país. Nesse ambiente de trocas intensas, iniciamos

este trabalho de investigação da pesquisa intervenção, entendendo ser esta uma possibilidade de ação-produção com(o) docentes-pesquisadores do GPEF.

A pesquisa-intervenção se estabelece como investigação participativa e, de acordo com Romagnoli, (2014), no âmbito do movimento institucionalista que entende a instituição como o centro das sociedades. Apesar da existência de várias correntes teórico-metodológicas, a autora aponta duas como as mais desenvolvidas no Brasil: a análise institucional e a esquizoanálise. Considerando que ambas estão centradas na noção de implicação, encontramos nos pressupostos pós-estruturalistas da segunda uma convergência para o desenvolvimento desta pesquisa no âmbito do GPEF.

Para além disso, as referências ao pós-estruturalismo na educação e na educação física no Brasil, ainda que presentes, têm uma disseminação, relativamente, recente (duas décadas) (Aquino, 2018; Vinci & Ribeiro, 2018) e do ponto de vista das metodologias da pesquisa, ainda mais questionáveis o são. (Ribeiro, 2016).

Assim, esta investigação teve como objetivo cartografar ações, intervenções do/no GPEF, tomando como referência a esquizoanálise, como uma pesquisa intervenção no ensino e na pesquisa no âmbito do GPEF, mas também na educação e na educação física no Brasil.

2 Metodologia

Mas o que é cartografar? Cartografar é um objetivo de pesquisa ou é o próprio procedimento da pesquisa? Bem, aqui cabe-nos retornar ao ambiente teórico-metodológico com o qual dialogamos para produzir nossa questão/objetivo, qual seja: a pragmática deleuze-guattariana que, como metodologia ou, uma não epistemologia, que se propõe a vir a ser, cochicha:

Todo centro de poder tem efetivamente estes três aspectos ou estas três zonas: 1) sua zona de potência, relacionada com os segmentos de uma linha sólida dura; 2) sua zona de indiscernibilidade, relacionada com sua difusão num tecido microfísico; 3) sua zona de impotência, relacionada com os fluxos e *quanta* que ele só consegue converter, e não controlar nem determinar. (...) O estudo dos perigos em cada linha é o objeto da pragmática ou da esquizoanálise, visto que ela não se propõe a representar, interpretar nem simbolizar, mas apenas a fazer mapas e traçar linhas, marcando suas misturas tanto quanto suas distinções. (Deleuze & Guattari, 1996, pp. 99-100)

Na produção desta metodologia, Deleuze & Guattari (1996) seguiram estudando os perigos dessas linhas e inventando conceitos, a tarefa da filosofia, como ato, performance, ação.

No Brasil, Guattari & Rolnik (1996) irão nos aproximar das suas cartografias do desejo de diversas formas.

Há passagens do texto em que revelam que o livro é resultante das cartografias dos encontros vividos durante as viagens de Guattari no Brasil (cinco estados) e a viagem de produzir o livro (mais de 700 páginas de transcrições) e afirmam que as cartografias são, sobretudo, dos inconscientes que protestam ou que procuram mover e acionar outros territórios. Por outro lado, na leitura da obra nos seduzimos pelo exercício analítico dos autores em criar sentidos, no plural, sem necessariamente querer, fazer-se sentido, na demonstração, representação ou interpretação dos temas propostos. E, por fim, da discussão sobre a esquizoanálise que, como bem identificou Romagnoli (2014), inscreve-se, no Brasil, no campo das discussões em *Psi*, e nesse caso, nos debates sobre o inconsciente em

Freud e o inconsciente na esquizoanálise, destacam como uma cartografia se instaura como um processo singular, complexo e elaborado, como procedimento de pesquisa/intervenção. Passos, Kastrup, & Escóssia, (2009) vão nos brindar com suas considerações sobre a cartografia como acompanhamento de processos, destacando o sentido performático e rizomático da cartografia, conforme proposto por Deleuze & Guattari (1995a), no primeiro platô, dos mil (rizoma). Os autores propõem uma reversão da noção de método a partir da etimologia da palavra - metá-hódos, que se caracteriza como caminho para alcançar metas já estabelecidas, transformando-o em hódos-metá, ou metas que se constituem no caminho. Para tanto, cartografaram pistas sobre o método que não iremos aqui descrever, pois não é disto que se trata.

Por fim, temos o trabalho de Ribeiro (2016), que talvez tenha sido aquele que mais nos afetou, na aproximação com os filósofos inventores de conceitos. Para a autora, o método, a esquizoanálise ou pragmática e a cartografia, seu procedimento, dar-se-á na produção de uma vontade de verdade no próprio processo de pesquisar. Perguntar e produzir dados, instalam-se como agenciamentos de um sobre o outro, como o próprio encontro entre Deleuze e Guattari. No e do encontro emergem os traçados e as linhas de força. Ou como afirma a autora:

(...) considerar aquilo que usualmente denominamos de método – seja nos domínios científicos, filosóficos ou artísticos – como um trabalho de experimentação de pensamento efeito da imanência dos encontros. Tratar-se-ia de pensar o método como acontecimento. (Ribeiro, 2016, p. 72)

Dessa forma, o próprio procedimento age sobre o objetivo como palavra de ordem, agenciando-o. E, retornando a Romagnoli (2014), insistimos que a implicação na esquizoanálise se estabelece no “meio” entre sujeito e objeto, dicotomia e separação que este tipo de pesquisa busca superar, não como conflito desvelado pelos pesquisadores para a geração de consciência e atuação, mas como afirma Romagnoli (2014, pp. 46-47), no entendimento de que “... a realidade é abordada por imanência e exterioridade, e o “meio” emerge como a dimensão que sustenta os devires, que vai produzir agenciamentos fazendo eclodir o novo.”

No processo de pesquisar com o currículo cultural produzimos três exercícios cartográficos.

3. Apresentação e discussão de resultados

3.1 Exercício 1 – Produzindo Materialidades Textuais ou do Intervalo entre A e B

Nosso primeiro exercício se estabeleceu como uma ação de cartografar um texto, capítulo de um livro, que discute o currículo cultural como linguagem corporal. Este texto sofreu duas intervenções de nossa parte: uma primeira na qual o analisamos a partir de um olhar hermenêutico, talvez o pudéssemos denominar assim, como análise, interpretação, num ambiente de conhecimento como representação (A); e, uma segunda aproximação, como exercício cartográfico, na qual procuramos nos afastar da representação e, principalmente, mergulhamos nos próprios movimentos do texto, num exercício de conhecimento como criação (B). No quadro 1 abaixo, apresentamos alguns trechos desses dois momentos:

A	B
<p>Na literatura sobre currículo cultural, identificamos um texto específico produzido por Nunes (2016), versando diretamente sobre linguagem. Neste texto o autor finaliza nos convidando a prosseguir-lo, pois em sua última parte, denominada “<i>Por enquanto</i>” assevera: reescrevam, continuem ... A seguir, procuraremos empreender nesta seção do projeto, um mergulho no proposto por Nunes (2016), tentando realizar não uma re-escrita ou continuação do texto, mas uma provocação que interessa a este projeto. Um pouco como realizou Bonetto (2017), quando propôs a escrita-curriculo como experiência.</p> <p>(...)</p> <p>Como pode ser observado acima, o autor retorna sempre às ações de semanticidade e semioticidade (corpo como mídia que atribui e constitui significados), das quais pretendeu se afastar na crítica que fez à semiologia e à semiótica. Esta operação pode ser observada também nos inúmeros relatos apresentados pelo GPEF.¹</p> <p>Tedesco & Valviesse (2009), como Nunes (2016), estabelecem a mesma crítica à semanticidade da semiologia, quando afirmam: “Ao isolar a linguagem do mundo dos fatos, define-se de modo insuficiente o sentido, excluindo dele sua potência de intervenção na realidade.” (Tedesco, & Valviesse, 2009, 4). Contudo, as autoras se acercam da pragmática de Deleuze & Guatari (1997) para potencializar a dimensão intensiva da linguagem.</p> <p>Tedesco, & Valviesse, (2009) ressaltam dois aspectos que nos interessam para a linguagem corporal no currículo cultural. O primeiro consubstancia-se na reciprocidade e na simultaneidade dos aspectos linguísticos (os códigos) e extralinguísticos (a produção de sentido) da linguagem, a palavra de ordem, na superação da semanticidade identificada anteriormente.</p> <p>(...)</p> <p>Entretanto, como ressaltado, por nós, inicialmente, o plano da expressão contém uma forma própria que se impõe como ação sobre o conteúdo, não se limitando a representá-lo, comunicá-lo ou informá-lo.</p> <p>Esta forma própria refere-se aos elementos não linguísticos da linguagem, os incorporais dos</p>	<p>“Educação Física na área de códigos e linguagens” (Nunes, 2016), está composto, espacialmente e temporalmente, por dois discursos sobrepostos. Um primeiro discurso se instala em seções, com títulos em itálico (<i>um conto ..., recontando, E depois?, E agora?</i>), de pequenos textos, nos quais ouvimos, vemos, cheiramos e sentimos as crianças em ação. Estas seções aparecem como um refrão, inserindo-se em diversas partes do texto, num procedimento compositivo de rondo, com os seus ritornellos (as vozes das crianças). Estas seções precedem e sucedem simultaneamente, as outras partes do texto, com títulos em negrito (<i>Cultura corporal e linguagem; Escola, Educação Física e a leitura e escritura dos significados das práticas corporais e de seus representantes; Códigos e linguagens – representação e significados</i>), nas quais o autor apresenta-nos outras vozes: os autores de quem se faz acompanhar, sendo a sua, mais uma voz. Contudo, na parte que antecede a apresentação das referências do texto, <i>Por enquanto</i>, o autor inverte as vozes do texto, as crianças ocupam o espaço de fala dos “autores” em negrito e na seção “<i>reescrevam, continuem ...</i>” em itálico ... convida-nos a ser mais uma das vozes em ação, como crianças? Deixa-nos o autor esta questão.</p> <p>Na materialidade do texto o autor já nos desestabiliza com sua exposição em várias vozes, com a acentuação de uma das vozes (refrão), com a dessacralização e o descentramento da posição identitária de autor, com a abertura do texto para os outros com o convite final. Seus procedimentos compositivos intensificam as multiplicidades e as simultaneidades das vozes, ao mesmo tempo em que as singularizam nos seus lugares de fala (as seções do texto).</p> <p>E somente isto já daria conta daquilo que está em discussão no próprio texto, mas como o autor finaliza nos convidando a dar continuidade ao texto A seguir, procuraremos empreender um mergulho no proposto por Nunes, (2016), tentando realizar não uma reescrita ou continuação do texto, mas mapear brechas e cantos por onde possam escorregar outras linguagens no, para, por, através do currículo cultural. Um pouco como realizou Bonetto, (2017), quando vislumbrou a escrita-curriculo como experiência.</p> <p>(...)</p>

1 <http://www.gpef.fe.usp.br/index.php/relatos-de-experiencia/>

<p>estóicos, que a produzem como ato de criação, intensidade que fustiga a representação, na apresentação da função linguagem como acontecimento.</p> <p>(...)</p> <p>Com os incorpáis propostos por Deleuze & Guattari (1995b), a partir de Tedesco & Valdiesso (2009), iniciamos o nosso percurso de análise da linguagem corporal no currículo cultural, identificando, nas transformações incorporais, que são próprias da forma da expressão (os sistemas signícos), no caso da Educação Física, as práticas corporais, a subversão da representação para ancorar a diferenciação. Os incorporais (forma própria da expressão) dos corpos (conteúdos) nas práticas corporais, forjam a função intensiva da linguagem.</p> <p>(...)</p>	<p>No encontro de culturas, as diferenças e os regimes de verdade se evidenciam para desestabilizar as práticas corporais como sistemas fechados transportadores de significações fixas e “hereditárias”. Novamente, num bate/rebate entre argumentações e cenas cotidianas, o autor vai alinhavando a linguagem corporal no currículo cultural como um plano móvel que instala temporalidades e espacialidades divergentes e ativas nas bravatas de poder.</p> <p>Neste primeiro exercício de cartografar, ainda que timidamente, a linguagem corporal no currículo cultural, por entre o texto de Nunes (2016), procuramos produzir trilhas intrigantes e esperemos que instigantes, na composição material do texto em rondo; na inversão de vozes e papéis; no deslocamento da negação da negação da Educação Física como área de conhecimento das linguagens; mas sobretudo, na ressonância dos movimentos de afastamentos (a ênfase na semanticidade da representação) e aproximações (a discussão sobre o poder) que este autor vem produzindo com o pós-estruturalismo.</p> <p>Como Deleuze & Guattari (2003), que viajaram por entre as portas, personagens e obras de Kafka, na produção de uma literatura menor, percorremos o texto de Nunes (2016), produzindo a linguagem corporal no currículo cultural como uma linguagem menor, na qual não se pretende interpretar, analisar ou estabilizar conceitos, mas suspender/dilatar tempos e espaços para que outras vozes e traçados ecoem.</p>
---	---

Quadro. 1. Trechos da análise A e cartografia B do texto sobre linguagem corporal no currículo cultural

O que emerge entre A e B? Quais os efeitos provocados?

3.2 Percurso 2 – Acionando Relatos de Experiência ou da Imanência dos Conceitos

Nosso segundo exercício de cartografia foi produzido durante o encontro com relatos de experiência de dança dos docentes do GPEF. Quinze relatos foram visitados e ao final propusemos:

Os relatos produziram, em cascata, corpos comunitários, periféricos, ancestrais, urbanos, nordestinos, rurais, negros, brancos, pardos, amarelos, trans, masculinos, femininos no desfazimento de seus próprios corpos/conhecimentos/conteúdos ou na possibilidade de serem corpos tran(sitórios), virtuais na medida em se deixam “piorar” quando falam em público, ainda que sejam tímidos, leem textos que não conheciam, riem dos colegas e de si mesmos, calam-se para ver o outro

apresentar, observam os instrumentos e as vestes, ouvem músicas, assistem a vídeos, imitam movimentos, compõem coreografias, ensaiam apresentações orais, veem espetáculos, ouvem relatos de pessoas da comunidade escolar de dentro e de fora.

A cartografia proposta não demonstrou, verificou, compreendeu ou categorizou os corpos das danças no currículo cultural, mas sim mapeou territórios e linhas de força que se instalam como ações de políticas públicas, atravessadas por personagens comunitários (des)continuadores e extensores da paisagem curricular culturalmente orientada; ativou os procedimentos e os princípios ético-políticos do currículo cultural, flexibilizando-os para romper com a lógica arbórea de conhecimento-aprendizagem e multiplicar-se em movimentos de arqueologia-genealogia-rizoma-efeitos no currículo cultural, e assim produzir a experiência; e, dilatou as partículas ancestrais dos corpos e das danças que pulsam nos decibéis dos tambores e dos alto-falantes no currículo cultural. Vale destacar ainda que compor, multiplicar e intensificar não são procedimentos que ilustram categorias ontológicas do currículo cultural produzido nas escolas, mas são vontades mapeadas nas experiências pedagógicas com as danças relatadas. Essas vontades movem os corpos das danças no currículo cultural como corpos interventivos, menores, desestabilizadores, intervalares, virtuais e relacionais que produzem um afastamento de uma fenomenologia encarnada, muito discutida na Educação Física no Brasil, para produzir uma linguagem corporal pragmática e política.

Ou como afirma Ribeiro (2016, p. 72): “Uma criação conceitual deriva da afirmação da imanência do encontro, esse agenciamento constituído por toda a tragicidade inerente às suas contingências e limites.”

3.3 Exercício 3 – Cartografando Encontros em Sala de Aula ou da Criação das Línguas da Investigação

Nosso terceiro encontro, está se produzindo neste exato momento em que escrevemos este texto, numa trama imanente na vivência, juntamente, com três outros docentes do GPEF, de aulas de educação física, em três escolas do município de São Paulo. Com o intuito de cartografar os processos estamos inventando línguas para as nossas intervenções no encontro entre docentes, estudantes e instituições. As três instituições são completamente diferentes. Uma se caracteriza como uma escola laboratório de ensino fundamental, na medida em que se instala como Escola de Aplicação de uma Universidade Estadual Paulista. A segunda, escola também de ensino fundamental, é uma escola de bairro da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo. A outra escola também pertence à rede municipal de ensino de São Paulo, mas está dedicada à educação de jovens e adultos (EJA) que oferta o ensino fundamental.

Esses encontros estão sendo vividos como experiência? Sobre a experiência destacamos que: 1) a experiência é diferente do experimento porque é singular e não universal; 2) a experiência é única e não pode ser dogmática; 3) a experiência nunca pode ser pensada a partir da prática, mas sim da paixão (Larossa, 2018). Este caminho nos leva, prossegue Larossa, a evitar fazer da experiência um conceito, para não entendê-la a partir do que é, mas como do que acontece, qual o efeito. Manter a experiência como palavra e não como conceito porque o conceito diz o que diz e só, a palavra diz o que diz e algo mais, os conceitos determinam o real e as palavras abrem o real (Larossa, 2013, 2009). Por fim, alerta ele, temos que evitar fazer da experiência um imperativo, um fetiche.

Dessa forma, nossos encontros inventam-se em ações, falas, performances, texturas e cores para os quais não conseguimos ainda ter palavras, e nem mesmo temos a certeza de que são experiências...

apenas podemos, talvez, fazermos-nos ser afetados por seus efeitos, como no exato momento em que apresentamos este artigo, supostamente, sobre a pesquisa intervenção com o currículo cultural na Educação Física no Brasil.

4 Em Debate ...

Pesquisar o currículo cultural de Educação Física como pesquisa intervenção, a cartografia, mostrou-se um exercício com muitas faces.

No processo de cartografar textos, relatos de experiência e encontros em salas de aula, nossos exercícios cartográficos pulsaram como encontros com as materialidades, a imanência e as línguas dos conceitos produzidos.

Assim, pesquisa intervenção, esquizoanálise, exercícios cartográficos e currículo cultural de Educação Física é o que propomos para o debate neste encontro. Vejamos o que iremos produzir!!!

Agradecimentos: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agência do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) – Brasil e Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) - Brasil

Referências

- Aquino, J. G. (2018). Foucault e a Pesquisa Educacional Brasileira, Depois de Duas Décadas e Meia. *Educação & Realidade*, 43(1), 45-71.
- Bonetto, P. X. R. (2017). *A escrita-curriculo da perspectiva cultural da Educação Física: Por que fazemos o que fazemos?* Texto não publicado.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2003). *Kafka: Para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- _____. (1997). 1730: Devir-intenso, devir animal, devir-imperceptível. In.: Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. (Vol. 4). Rio de Janeiro: 34.
- _____. (1996). 1933: Micropolítica e segmentariedade. In.: Deleuze, G., & Guattari, F. (1996). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. (Vol. 3). Rio de Janeiro: 34.
- _____. (1995a). 20 de novembro de 1923: postulados da linguística. In.: Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. (Vol. 2). Rio de Janeiro: 34.
- _____. (1995b). Introdução: Rizoma. In Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. (Vol. 1). Rio de Janeiro: 34.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: Cartografias do desejo*. 4ed. Petrópolis: Vozes.
- Larrosa, J. (2018). *Tremores: Escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (2013). *Pedagogia Profana: Dança, piruetas e mascaradas*. 5. Ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (2009). *Nietzsche e a educação*. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica.

- Neira, M. G. (2018). *Educação Física Cultural: Inspiração e prática pedagógica*. Jundiaí: Paco Editorial.
- Nunes, M. L. F. (2016). Educação Física na área de linguagens e códigos. In: Neira, M. G., Nunes, M. L. F. (Org.) (2016). *Educação Física cultural: Escritas sobre a prática*. Curitiba: CRV.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (Org.) (2015). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- Ribeiro, C. R. (2016). O agenciamento Deleuze-Guattari: Considerações sobre método de pesquisa e formação de pesquisadores em educação. *Educação Unisinos*, 20(1), 68-75.
- Romagnoli, R. C. (2014). O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 44-52.
- Tedesco, S. H., & Valviesse, K. S. S. P. (2009). Linguagem e criação: Considerações a partir da pragmática e da filosofia de Bergson. *X Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(2), 1-12.
- Vinci, C. F. R. G., & Ribeiro, C. R. (2018). Experimentações com a Pesquisa Educacional Deleuze-Guattariana no Brasil. *Educação & Realidade*, 43(1), 23-44.